

Alfabetizar no tempo certo

Mulheres ainda são maioria entre os professores

Pré-escola ajuda no ensino fundamental e no trabalho

Nem sempre é déficit de atenção

Aprender fora da sala de aula

Pernambuco é pioneiro no turismo pedagógico

Os gênios não são "nerds"

Mídia entra no currículo das escolas

Tema envolve os psicólogos

Colégios adaptados ao ENEM

Feras em olímpia de reta final

Dias para não se perder na reta final dos estudos

Sem estresse com as novas regras

Diálogo entre academia e sociedade

Escola profissionaliza a gestão

Da faculdade para o concurso

Curso de direito virou um preparatório para concurso

Os efeitos negativos proporcionados pela concursemania

Ádua tarefa de concluir o TCC

Faculdade e livro orientam a fazer a tese

Interior muda com faculdades

MEC poderá restringir curso Lato

Sensu

Alunos especiais não procuram ensino a distância

EAD cresce no interior e faz cair

êxodo rural

Escolas ainda se adaptam às aulas de música

Brincadeira precisa ter fim

Game simula violência em colégio

Escolas montam estratégias para evitar o problema

Ensino de japonês está o ocorrido

Educação a Distância se consolida no

País

## Escolas montam estratégias para evitar o problema

O tema bullying tem sido muito citado ultimamente. Artigos, palestras, debates e até novelas exploram o assunto. E, aos poucos, trabalhos de conscientização começam a ser desenvolvidos em escolas. Mas especialistas no assunto deixam claro: não adianta somente citar o tema, ler notícias, assistir a filmes e reportagens. Mudanças consideráveis podem acontecer a partir de uma reelaboração do projeto pedagógico e da postura prática da escola.

Durante 20 anos de docência a professora Ana Luiza Iglesias, do Colégio Santa Emília, observou o comportamento agressivo de estudantes. Depois de ler sobre o assunto e analisar comportamentos desenvolveu, em 2008, o projeto Bullying: uma história que precisa ter fim com estudantes da 4ª série. Murais, cartazes, histórias em quadrinhos e peça teatral fizeram parte do trabalho desenvolvido. De acordo com Ana Luiza, as ações do projeto foram encerradas oficialmente no ano passado, mas a conscientização apenas começou. "Fazemos um trabalho de socialização. Quando percebemos alunos excluindo outros, abordamos a turma. Se preciso, há a intervenção de uma psicóloga. Porque temos a consciência de que, se não estivermos atentos, alguns tipos de 'brincadeira' viram agressão", diz.

No colégio Apoio, a estratégia é investir nas relações entre funcionários e alunos e na identidade das pessoas. Com 25 anos de funcionamento, a instituição ficou conhecida por receber alunos que "não davam certo" em outras escolas. "Priorizamos o respeito. Incentivamos que todos sejam identificados pelos seus nomes e evitem apelidos, inclusive aqueles considerados 'inocentes', mas que, na verdade, podem ser usados para agredir", enfatiza a diretora pedagógica Terezinha Cysneiros. A psicóloga responsável pelas turmas do ensino fundamental II do Instituto Capibaribe, Ana de Andrade Lima, afirma que na escola não existe um projeto específico de combate ao bullying, mas acredita que a estrutura (o espaço físico é pequeno e existem apenas quatro turmas de 5ª a 8ª série) e a proposta pedagógica colaboram para o combate ao problema. "Semanalmente tenho reuniões com eles e questiono em relação aos problemas de relacionamento. Como temos poucos alunos, conhecemos todos e é mais difícil de esconder atitudes agressivas", diz.

**LEI**

Um projeto de lei em tramitação na câmara municipal de Olinda visa o combate ao bullying. De autoria do vereador Jonas Ribeiro, a ementa sugere que escolas públicas e privadas adotem medidas contra o fenômeno. A ideia é promover distribuição de cartazes em escolas, incentivo a denúncias e formação de conselho que atue voltado para o assunto. "Muita gente que sofre com bullying não denuncia e passa, com o tempo, a acreditar que nasceu para aquilo", comenta. "Organizaremos uma audiência pública para esclarecimento. Convocaremos Ministério Público, Secretarias de Educação, diretores de escola e sindicatos de professores", planeja.

Para o advogado e especialista em direito educacional Inácio Feitosa, deveriam ser criados projetos de âmbito nacional. "Será que somente depois de um caso que provoque repercussão tomarão alguma providência?", provoca. Feitosa cita a questão da maioridade penal. "Grande parte dos jovens que praticam violência são menores de 18 anos, por isso não temem punições mais severas", salienta, explicando que, apesar do bullying não ser considerado crime, é possível enquadrar os agressores por outros crimes tipificados no Código Penal, como ameaça e constrangimento.

A promotora de educação do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) Katarina Gusmão, diz que não existem na instituição trabalhos voltados para o combate ao fenômeno. "Também não registramos denúncias", ressalta. Ela afirma que reclamações podem ser registradas pessoalmente (Rua Visconde de Suassuna, 99, Boa Vista), por telefone (☎ 0800-281-9455) ou pelo site do MPPE ([www.mp.pe.gov.br](http://www.mp.pe.gov.br)). (A.T.)

+ Topo

[http://www2.uol.com.br/JC/sites/educacao/materia\\_28.html](http://www2.uol.com.br/JC/sites/educacao/materia_28.html)